

# A REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

AVENÇA

Director Literário—Dr. João Tendelro  
Composição, Impressão e Redacção na  
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Obras Municipais

A Câmara do nosso concelho traz entre mãos diversas obras, sendo algumas de valor.

Campêlo, como já tivemos ocasião de dizer, acaba de ser ligado a esta vila e, por tanto, à rede geral das estradas do país por uma estrada municipal.

São 12 quilómetros de estrada municipal, feita por encostas e vales muito acidentados, com duas obras de arte importantes: a ponte sobre o Ribeiro do Fontão Fundeiro e a agora acabada de construir sobre a Ribeira de Campelinho, que sem dúvida, são dignas de serem mencionadas.

A não ser a do Fontão, que segundo alguns, entram mas não saem bem, é mais estreita a saída, indo daqui, são obras de vulto para uma Câmara como a nossa.

E a propósito desta ponte recorda-nos uma das muitas passagens da vida política local, que às vezes como agora nos rimos, sem vontade.

Após a construção da ponte alguém chamou a nossa atenção para o seguinte facto: a ponte é mais estreita à saída!

—Efectivamente, dissemos-lhe nós. Você vê a dificuldade de romper mais a trincheira do outro lado, daí a saída ter ficado um pouco mais estreita, o que de resto, não faz diferença e tanto mais porque superiormente foi aprovada e portanto julgada em boas condições, o que de resto está.

Julgámos o caso arrumado. Mas não, o homem sempre que lá passava lá vinha com a notícia nos jornais: uma ponte mais estreita à saída do que à entrada. Mais tarde, o ano passado, no M. I. apareceu outro a queixar-se do raio da ponte!!!

Positivamente a Câmara tem de conseguir a saída, caso contrário estes indivíduos não deixam de fazer queixa e, é possível que tenham a sua razão. Pois o caso dum a entrada ser mais larga que a saída, é motivo para alguns, antes de entrarem... não vão partir algum órgão.

Outras obras também importantes a Câmara traz em construção, outras em reparação: mictórios e sentinas públicas, empedramento da E. M. de Aldeia de Ana de Aviz à Aldeia da Cruz, pintura do edifício da casa dos srs. Magistrados, Tribunal, obras na rua Dr. Martinho Simões, aformoseamento do Adro da Igreja, reparação da E. V. do Bairro, Igreja de Campêlo, ponte de Campêlo, sobre a Ribeira de Alge, construção do caminho de Alge da ponte à capela e reparação da fonte do Fontão Fundeiro.

Perante tanta obra em curso, parece que a nossa Câmara, não sofre do grande mal da guerra, que veio perturbar todas as manifestações de actividade.

E' motivo para nos felicitar-mos.

## A' margem da Pequena Imprensa

Com tanto que se tem discutido ultimamente sobre o tema, não podemos ter a pretensão de tecer considerações inéptas. — nem um assunto como este, dum a fertilidade complexa em que se debatem tantos interesses particulares relacionados com as diversas concepções da Pequena Imprensa e a sua importância para o público leitor, se presta a ineditismos. Apenas nos que-remos referir, de momento, às relações mútuas entre o jornal da província e os seus leitores.

Condenada pelas suas reduzidas condições económicas a vegetar a custo, a Imprensa provinciana vive na sua maioria, na dependência da boa vontade do seu público, sem falar na isenção dos colaboradores que por elas batalham sem em troca receberem qualquer remuneração; e aquela ressentida-se por vezes, de certas desinteligências, umas das responsabilidades dos orientadores e colaboradores, outras em que a culpa exclusiva é dos leitores, outras ainda que surgem sem se saber como nem porquê.

O povo gostaria de se ver representado no que lê, com as suas predileções, os assuntos que de momento lhe interessam, as notícias que vão do círculo limitado em que vive para o mundo. E, a quem pensa assim, pode de facto parecer mais importante a notícia da saída do senhor Fulano para a Figueira do que a exposição simples e cuidada dum assunto de interesse geral. E, então, quando não vê o nome ou o do seu vizinho, — porque as suas acções só a si próprio interessam —, acha-se com o direito de afirmar aos quatro ventos que determinado jornal é mal feito, que tem muita literatura, que os artigos são muito grandes ou as notícias locais reduzidas.

O facto é tanto mais frequente porquanto, como se trata dum assunto em que todos se julgam doutores, desde o ignorante que apenas tem habilidade para somar as quantias que deve arrecadar nos cofres ao que fala de todos os assuntos pela rama e com um à-vontade suspeito, a crítica parece sempre fácil. O que não acode ao espírito de todos é que a falta de publicação de artigos culturais de interesse regional provém, na maioria dos casos, dum atrazo local que é exactamente necessário combater por meio de artigos de cultura: — não se escreve mais sobre a região porque não existem nelas pessoas com capacidade para o fazer... ou, se as há, estão escondidas.

O problema da Pequena Imprensa não pode, porém, ser encarado assim. Num jornal da província cabem três aspectos distintos: o regionalista, o noticioso e o cultural. Os dois primeiros confundem-se geralmente, pois a reduzida frequência das publicações não se harmoniza com a descrição de factos estranhos ao local da publicação; e, sob o ponto de vista regionalista o jornal da província surge como porta-voz e defensor desinteressado das reivindicações locais, quer se sugere certos melhoramentos possíveis ou necessários, ou se opõe a quaisquer empreendimentos prejudiciais. No seu aspecto cultural, incontestavelmente o mais importante, tenta relacionar o leitor (em especial o que vive fechado na província como um morto no seu caixão), com o que se passa no resto do mundo, e ajudá-lo a adquirir a consciência da sua personalidade.

Afirmar-se que um jornal é excessivamente cultural porque reserva algumas colunas para assuntos mais ou menos elevados, do mesmo modo que dizer-se publicamente que se recebe um jornal da terra mas se não lê por aquele motivo, é passar-se a si próprio um diploma altamente desprimoroso para as faculdades intelectivas.

João Tendelro

## Figueiró Histórico

Falei, na última crónica, da fundação do Convento do Carmo, que foi edificado nesta vila no ano de 1501.

Eis agora a curiosa escritura dessa fundação, assinada a 14 de Dezembro de 1598. Da parte do fundador estipulava-se: 1.º que daria para se fundar o convento da sua quinta da Ereira e 400 cruzados por ano para as obras, enquanto estas durassem; 2.º ficaria dando 30.000 reis de esmola e tudo o que fosse necessário de botica, barbeiro, medicina e sustento para os enfermos; 3.º que não chegando as esmolas a sustentar os religiosos, elle proveria o que faltasse, e juntamente faria todos os gastos da sacristia e mandaria reedificar qualquer parede que caísse.

Da parte da Religião foi a 1.ª condição: que diria o Convento pelas almas e intenção dos senhores padroeiros uma missa resada quotidiana, e um officio solene de defuntos de nove lições com sua missa cantada no oitavário de todos os Santos, e que no mesmo dia celebrariam todos os sacerdotes pela mesma tenção, 2.ª que todos os sacerdotes dizendo missa meteriam na oração «et famulos tuos» estas palavras: «Patronos Nostros», 3.ª que não se enterraria ninguém dentro da Capela-mór, cruzeiro da Igreja, Capitulo, e «De Profundis», e que poderiam ter os padroeiros uma tribuna para a Igreja, em lugar conveniente, para ouvirem os divinos Officios, da qual teriam os Religiosos a chave.

Feita a escritura, entregou Pedro de Alcaçova ao Padre, a licença que passou o Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco, para se fazer a fundação nesta forma.

Mário Alves

## Conselho Municipal

Reuniu em sessão ordinária no p. p. dia 14, o Conselho Municipal, que aprovou as bases do orçamento e o plano de actividade para o próximo ano.

## Dêem-nos sugestões!

Para que «A Regeneração» seja por todos julgada um jornal útil, agradecemos aos nossos leitores que nos mandem sugestões dos assuntos que, a seu ver, devemos focar nas nossas colunas.

E' possível que ninguém responda ao nosso apêlo. Mas, seja como for, pensamos assim cumprir a nossa missão com o espírito liberal que deve presidir a todos os assuntos jornalísticos.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Expuzemos nestas colunas, há tempo, a necessidade de se criar em Figueiró dos Vinhos uma biblioteca pública, onde todos pudessem melhorar os seus conhecimentos literários, científicos e profissionais.

O aparecimento, em certas épocas, de indivíduos com qualidades excepcionais de trabalho e de inteligência só se torna possível, para efectivarem com proficiência os méritos próprios, se à sua predisposição natural se juntar uma preparação de ordem geral, dada pelo estudo ponderado e pela relação dos conhecimentos adquiridos nas escolas ou pelo trabalho individual caseiro, no caso de não poderem, por quaisquer circunstâncias, seguir os estudos escolares. De facto, muitos dos indivíduos que tem, de qualquer modo, ajudar a marcha da Humanidade para uma vida mais elevada, foram autodidactas - isto é, não frequentaram os cursos organizados, tendo se especializado ou aprofundado zonas do conhecimento independentes da sua profissão ou literatura apenas por esforço próprio. Isto só se torna possível, evidentemente, se o interessado tiver à mão material de estudo e de consulta, — no caso presente livros, livros e mais livros.

Somos de opinião que é aos organismos associativos — actualmente em especial às Casas do Povo, que cabe a criação destes centros de consulta — as bibliotecas —, que bem compreendidas, se podem tornar em verdadeiras escolas livres. E não será porventura, este assunto de maior interesse para os dirigentes dos organismos associativos do que a compra de mais algumas mesas de jogo ou a substituição dos tacos do bilhar?!

Fomos informados que o Ex.º Director da Escola Secundária, dr. Sérgio dos Reis, tomou, desde o ano transacto, a iniciativa da criação dum biblioteca naquele estabelecimento de ensino, destinada aos seus alunos e, em horas determinadas, a ser aberta ao público. Além disso, conseguiu interessar já certas pessoas para que concorressem com ofertas de livros, etc.; pena é que muitas dessas pessoas não se tenham lembrado mais da oferta prometida.

Porque a iniciativa do sr. dr. Sérgio dos Reis é altamente simpática e patriótica, é justo que todas as pessoas dela sejam conhecedoras, e concorram com a sua quota parte para a sua efectivação.

Red.

## Duas quadras

Porque fui dançar na boda,  
Em que foi que te ofendi?  
Andei sempre à roda, à roda,  
— Mas sempre à roda de ti...

Lá por ser de gente fina,  
Não me tire a mim do rol.  
A lua é bem pequenina  
— E às vezes encobre o sol.

Augusto Gil

## Pensamento

O passado tem um rosto, a Superstição, e uma máscara, a Hipocrisia.

Denunciemos o rosto e arrastemos a máscara.

Vitor Hugo

SECCÃO AGRICOLA

a cargo do Veterinário Municipal

**Os suínos na vida rural** — Os porcos constituem um dos melhores mealheiros da população campestre do nosso termo. Quando, como tantas vezes succede, a morte os leva, a economia caseira imediatamente se ressent e o ano é de carência.

Numa região como a nossa, tão fortemente atacada pelas doenças infecciosas dos suínos — em especial a peste suína e, num grau mais atenuado, o mal rubro —, compreende-se a aflicção que percorre a comarca quando há a notícia de que a moléstia já anda em tal ou tal lugar.

A fortíssima epizootia do ano passado e a franca demonstração dos efeitos benéficos da vacina (no ano transacto vacinámos porcos em currais junto dos quais outros, doentes, morriam aos três ou aos quatro) trouxeram um interesse excepcional da parte das populações atingidas nos seus haveres, e o resultado foi termos prestado este ano serviço vacínico em muitos lugares onde até agora ninguém cuidava de recorrer a esta medida profiláctica.

Os resultados benéficos da vacina estão patentes, e todos podem comparar a forte invasão de peste suína do ano transacto com a acalmia benéfica de agora.

A experiência vem mais uma vez demonstrar a eficácia da vacina, — o único meio preventivo útil na luta contra as

doenças infecciosas que atacam os suínos da região.

**A esgana.** — Também conhecida por *monquillo* *doença dos cães novos* e *doença de Carré*, a esgana é uma doença infecto-contagiosa que ataca os cães, especialmente os novos. É uma das doenças que mais ataca os cães, havendo ocasiões em que quasi não escapa um de ser atingido.

Até agora a doença tem sido bastante rara em Figueiró dos Vinhos e arredores mas ultimamente diagnosticámos-na num cão *Lobo da Alsácia* proveniente de Lisboa, onde os animais são muito atacados.

A doença pode afectar várias formas, e atacar vários órgãos, mas em geral as partes em que primeiro se reconhece é nos olhos (*conjuntivite catarral* ou *mucopurulenta*, *inflamações* ou *úlceras da córnea*), nas fossas nasais (*corrimento nasal*), na pele (*vesículas* e *pústulas*), no aparelho digestivo (*falta de apetite*, *vómitos biliarios*, *prisão de ventre* seguida de *diarreia mucosa* ou *sanguinolenta*, *sempre fetida*) ou no sistema nervoso (*perturbações nervosas* principalmente, *contracturas localizadas* ou *generalizadas*). A *hipertermia* (aumento da temperatura interna) é frequente, em especial no início da doença.

Sempre que suja qualquer destas manifestações é conveniente a consulta médica veterinária, em especial quando se trata de animais de luxo.

Humanidade

Fui, hoje, sepultar aquele bom velhinho, veterano da Guerra dos Farrapos, a quem eu dedicava o meu maior carinho.

A blusa que o vestia era um pendão de trapos, um mapa espiritual de tudo quanto é chão...

Essa, a sua mortalha derradeira, — Uma triste, uma pobre, uma grande bandeira:

Um farrapo da côr de cada pavilhão!

Mário Donato

(São Paulo-Brasil)

Correspondências

Campelo, 16 9 1942 — Estão já feitas a fonte e a estrada de acesso à sede desta freguesia. O povo desta terra está muito satisfeito e é muito grato ao Ex.<sup>m</sup> Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros, illustre filho desta freguesia, que não se poupou a sacrificios de espécie alguma para levar a efeito uma obra de tão capital importância e necessidade para esta terra.

Vão começar já na próxima semana as obras de reparação da nossa Igreja, subsidiadas pelo Fundo do Desemprego e pela Câmara Municipal deste Concelho. As escolas de Campelo vão ser também reparadas pela nossa Câmara. As obras da residência paroquial estão adiantadas, esperando-se que esta casa já possa ser habitada no próximo ano. C.

**Bêco, 15 de Setembro** — Nos dias 10, 11 e 12 do corrente houve na Igreja de Paio Mendes tríduo de pregação feita pelo Rev. do Prior de Arega que satisfez imenso os seus muitos ouvintes. A procissão das velas na noite do dia 12 foi muito concorrida. No dia 13 às 10 h. realizou-se a comunhão Solene das crianças, comunhão geral da C. E. e de muitos fieis. A 14 h. começou a Missa Solene seguida de Sermão pelo referido orador sagrado. Procissão e Exposição com Bênção do S.mo Terminada a festa religiosa, procedeu-se à venda das fogaças e da flor, correndo tudo no meio da maior animação.

A primeira vara do pátio pegou sua exa o sr. dr. Eduardo Neves, proprietário do solar e Quinta da Eira, dig. mo médico da Misericórdia de Lisboa, e presidente da Comissão de Numismática.

O Rev. mo Padre Pregador e o Prior da freguesia foram hóspedes do sr. capitão Pires, tesoureiro da Comissão do Culto e grande bemfeitor da Igreja.

A todas as pessoas que se interessaram de veras pela festa e principalmente ao amigo e Senhor Capitão Pires, os nossos sinceros agradecimentos. C.

FALECIMENTOS

No passado dia 22, faleceu o nosso assinante sr. João Zagart Henriques, com 73 anos de idade, bastado proprietário nesta vila.

Também faleceram, respectivamente em Brejo de Arega e Braçais, os srs. Manuel João Fernandes, de 68 anos de idade e Manuel da Silva, de 75 anos, ambos tios do nosso estimado assinante dos Braçais sr. Manuel Ferreira. Sentidos pêsames.

uma figura

“capitão Mahon,”

Por intermédio da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, chegam-nos às mãos um exemplar de *O Povo da Lixa*, de 15 de Maio de 1930, onde se faz referência, num artigo panegírico, a essa nobre e heroica figura de Figueiró dos Vinhos que se chama o Major Neutel de Abreu.

A Casa da Comarca, os nossos agradecimentos por ter tornado possível a sua transcrição.

Durante a guerra, quando desembarquet em terras de Africa, armado e aprestado para uma campanha militar, que devia ser extenuante, — logo um nome me veio ao encontro, trazido nos ecos céleres da fama e aureolado dum prestígio que só os heróis de antanho conseguem fruir: esse nome, que aqui desejo vincar em sulcos fundos de admiração, era o capitão Mahon.

Mahon, no vocabulário indígono, significa a voz do leão, — e nada mais justo, em verdade, do que este termo ao mesmo tempo ingénuo e heroico, para definir a personalidade de guerreiro dum homem que era português, singularmente português, pela exaltação patriótica com que defendia os plainos adustos de Africa.

Esse capitão Mahon, temido pelos negroides, e ao mesmo tempo por eles tão bajado, quasi como um ídolo, regressou há dias à Matrópole, depois de passar metade da sua vida — o melhor da sua vida, com sonhos e esperanças — numa luta e num dever que o egoísmo nacional tornou inglórios.

Regressou, como regressam todos os heróis de puro timbre: modesto, simples, risonho, abalado da saúde e despido da vaidade.

Se eu o não conhecesse já, através das minhas jornadas de Africa, onde a sua figura sempre pairou tão alto como um condor, — bastaria o significado moral e cívico da sua chegada, sem rélamos, sem espalhafatos, sem banquetes, e sem foguetório como se fez-se aos heróicos da bola e do fogo; bastaria insistir, o prestígio auriflamante da sua farda, que as condecorações não estrelam, mas a poeira, o sangue, o suor devem engrerrecer, para que a minha simpatia voasse, crescesse, avultasse em toruo do seu

simbolismo profundamente democrático e profundamente emotivo.

Mas eu conheci-o em Africa, li-di sob o mesmo sol calcinante, algumas horas da minha juventude entusiasmada e do meu sangue febril foram gastas na visinhança das suas temeridades.

O major Neutel, a ele me refiro, voltou pobre, com o fito de curtar da sua saúde, para certamente depois ter de abalar de novo para as paragens onde o seu sangue se verteu e fortificou em esplendores patrióticos.

Daram-lhe uma reforma banal de major — uma reforma porém que vale mais, que diz mais do que uma estátua coroadando uma praça ou um nome de placa definindo uma avenida.

Os seus amigos e peram-no, os amigos que com ele lutaram ou às suas ordens serviram; eu não servi sob elas, por circunstâncias de acaso, mas acompanhei-o do coração nas incessantes pugnas em que o seu valor sempre se afirmou.

E quantas elas foram! E quão belas! E quão esforçadas! A pátria deve-lhe muito, mas a pátria ainda não lhe pagou tão dignamente, o qual a faz um triste sestro nosso.

O major Neutel — é preciso gritar aos quatro ventos, para que a justiça venha, no seu carro de ouro — o major Neutel é um Homem com mais ulla e não um homem cuja invidade a sorte ou os favores públicos ergueram da vaza.

No momento, em que o termo Pátria anda quasi profano em tantos lábios, nós tivemos agora uma ocasião esplêndida para ridimir algumas das nossas culpas e ingratições. Mas não, e em breve o major Neutel — o capitão Mahon dos indígénos — reconhecerá que entre o branco civilizado e o negro selvagem, é preferível optar pelo último. E' doloroso ser-se obrigado a constatar isto, mas eu não sou preto; sou branco, mas sincero.

E com a mesma sinceridade, daqui lhe envio o abraço querido dum antigo combatente.

Porto, Maio 1930.

Pinto Ferreira

CARTEIRA

Partidas

Depois de passar cerca de 20 dias na companhia de sua mãe, nos Trespostos, regressou a Lisboa e sr. Artur Martinho Simões, distinto chefe da repartição da A. P. C. do Ministério do Interior e nosso prestado amigo.

— Em Campelo tem estado a pas-

sar alguns dias com sua familia o sr. Américo Martius Coimbra, benquista comerciante em Lisboa.

Chegadas

Tem estado entre nós, tendo-se hospedado na Pensão Comercial, o sr. Virgílio Jardim, delegado da Comissão de Propaganda dos Inválidos do Comércio, benemérita Associação de Lisboa.



O MONTE DOS VENDAVAIS

E', como toda a gente sabe, especialmente depois de ter visto o famoso filme, um romance de escritora inglesa Emilia Brent é grande génio artístico e imaginativo, poetisa de alto merecimento, que faleceu muito nova, com 30 anos de idade. O romance «O Monte dos Vendavais», appareceu em 1847 e no ano seguinte morria Emilia Brent, alma misteriosa e solitária, que teria sido uma das maiores revelações do génio da mulher inglesa

nas letras. Emilia e suas irmãs eram filhas de um eclesiástico protestante, irlandês; eram todas possuidas da tendência literária e foram todas bastante infelizes, por motivo de circunstâncias dolorosas da sua vida e do isolamento em que viveram rodeadas de uma paisagem grandiosamente agreste e desolada. «O Monte dos Vendavais» tem algo de excessivamente romântico, pessimista e desvairado e dá uma idéia do mundo, ao mesmo tempo fantástico

e realista, em que se movia o espirito da sua autora.

A figura central desse livro sombrio e trágico é Heathcliff, criança cigana abandonada, cujos pais ficaram desconhecidos, e recolhida nas ruas de Liverpool por Earnshaw, que o levou para casa e o criou como filho. Após a morte daquêle que o encontrara abandonado na rua, vê se exposto aos maus tratos e humilhações de Hindley, filho de Earnshaw. A natureza apaixonada e feroz de Heathcliff sente-se profundamente atraída para a gentil Catarina, filha de Earnshaw, da qual doidamente se enmora. Mas tendo-a, por acaso, ouvido dizer que ela se se sentiria rebaixada se casasse com elle, Heathcliff ausentou-se da casa onde fôra criado.

Regressa três anos mais tarde e encontra Catarina casada com o insignificante Edgar Linton Mas, como traz dinheiro, é por isso muito bem acolhido por Hindley, jogador desprezível e sem escrúpulos, que também casara. Heathcliff vê chegada a hora de dar à la gas a sua vingança. O seu amor feroz por Catarina causa a morte desta, ao dar à luz uma filhinha, Cathy. Depois Heathcliff casa com a Isabel, irmã do viúvo de Catarina, mas este casamento não é, já se entende, de amor, é de vingança contra o homem que possuirá Catarina. A pobre Isabel é vítima constante de maus tratos. Agora é Heathcliff quem manda e tem nas mãos não só o seu antigo carrasco Hindley mas também Hareton, filho deste, tratando-o brutalmente para assim se vingar

dos seus tratamentos que, em criança, recebera às mãos de Hindley. Mais tarde atrai Cathy, a jovem filha de Catarina, a mulher que elle amara, e leva a rapariga a casar com um filho d'elle, rapaz doente e repulsivo, para deste modo alcançar a riqueza de Linton.

Após a morte do filho de Heathcliff, Cathy afeiçoar-se a Hareton de cuja educação se ocupa. Entretanto, a pouco e pouco, os maus instintos de Heathcliff vão-se moderando. Suspira agora pela morte que lhe permitirá ir avistar-se com Catarina, a sua querida morta. Causado da vida e do ódio, abandona o seu projecto de causar a ruína das casas de Earnshaw e de Linton e, após a sua morte, Hareton e Cathy encontram no mundo um pouco de felicidade.

Revista "TURISMO,"

Um magnífico numero de 80 páginas dedicado às praias portuguesas

Acabamos de receber mais um numero da excelente Revista TURISMO, com uma completa e interessante reportagem fotografica e literaria sobre todas as praias portuguesas, podendo considerar-se dos mais valiosos documentarios publicados sobre as nossas encantadoras estancias maritimas.

As praias do Algarve, as do centro, oeste e norte do pais; simpaticas como Vila do Conde, Espozende e Albufeira, assim como luxuosas praias como Estoril, Figueira e Espinho, todas se encontram representadas neste belo numero da Revista TURISMO, que prosegue mantendo galhardamente, as suas tradições da mais antiga publicação turistica nacional.

Vem o numero, ainda, valorizado, pela colaboração artistica dos illustradores Roberto Nobre, Luiz de Campos e Samora Barros e por colaboração literaria dos srs. Juliao Quintinha, Cesar Santos, Blyton, Salvador Saboya, Ruy Galvão de Carvalho, Rebelo de Bettencourt, Santana Quintinha, J. Ferreira da Silva e Antonio Pereira Cardoso Gama.

Por todos os titulos, e principalmente pela sua patriótica propaganda, é revista muito recomendavel e, sem duvida, a mais barata Revista portuguesa, visto que este numero de 80 paginas custa, somente, 5 escudos.

Revista TURISMO, dirigida pelo sr. Antonio Parda e tendo como chefe de Redacção o escritor e jornalista sr. Juliao Quintinha, anuncia um sensacional numero dedicado à linda região de Aveiro.

A. Martins Nunes

Reabre o seu consultório dentário, no próximo mês de Outubro, dando consultas todas as 4.ªs feiras e às 5.ªs até ao meio dia

EDITAL

José Pereira Fialho Júnior, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber, para execução do disposto no Art.º 17.º do Decreto n.º 31445, de 4 de Agosto de 1941, que Artur Nunes Agria residente em Figueiró dos Vinhos requereu autorização para reabrir um lagar de azeite incluída na classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio, inquinação das águas, no lugar da Quinta Tavares, freguesia de Figueiró dos Vinhos, Concelho de Figueiró dos Vinhos.

Quaisquer impugnações ou reclamações sobre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas deverão ser apresentadas, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na sede da Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas—Avenida de Berne, n.º 1, Lisboa—onde poderão ser examinados, pelos

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)  
LISBOA

Telefone 46873

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhõa • Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.ª» e do cimento «Tejo», Loções sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gêsc, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :- Quartos muito higiênicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

Casa situada no Cimo da Vila. Vende-se. Tratar com José dos Santos Granada, comerciante, Figueiró dos Vinhos.

Alvaro Amorim Pinto  
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE:  
todas as segundas-feiras

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às quartas-feiras e às quintas até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA  
Figueiró dos Vinhos

Reabre o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

interessados, os documentos juntos ao respectivo processo.

Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Lisboa, em 10 de Setembro de 1942.

Inspector Geral  
José Pereira Fialho Júnior

A. Teixeira Forte  
ADVOGADO  
Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Esteril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Escola de Corte Luc

RUA ADELINO WEIGA, 14-1.º

Coimbra

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermia Lopes da Silva—Figueiró dos Vinhos.

Lenha de pinheiro

Vende-se por junto ou á carrada. Quem pertender dirija-se a Alvaro Lopes Lucina—Carapinhal.

4-3

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Sartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maças de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

CABAÇOS—COIMBRA			ANCIÃO — COIMBRA		
DIARIA (excepto aos Domingos)			às S. gundas, Quartas e Sábados		
	Chegada	Partida		Chegada	Partida
Cabaços	—	5,30	Ancião	—	8,25
Alvaiázere	6,45	6,50	Alvôrge	8,50	8,50
Chão de Couce	7,25	7,25	Rabaçal	9,10	9,15
Pontão	7,35	7,45	Condeixa	9,40	9,45
Coimbra	9,15	15,30	Coimbra	10,15	16,00
Pontão	18,00	18,10	Condeixa	16,30	16,35
Chão de Couce	18,20	18,20	Rabaçal	17,05	17,05
Alvaiázere	18,55	19,05	Alvôrge	17,25	17,25
Cabaços	19,20	—	Ancião	17,50	—

Pontão - Pombal às quintas-feiras

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnava) 24-18

Paragem em Coimbra, na AUTO GARAEM. Telefone 701

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos  
Clínica Geral

— Consultório e residência: —

Figueiró dos Vinhos

GÊLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

## Boletim Bibliográfico

**As escolas de Winnetka,** por Agostinho da Silva—*Coder-nos de Informação Cultural Iniciação.* Rua dr. António Martins, 24-2.º—Lisboa.

Do mesmo modo que a vida, a direcção a imprimir ao ser humano desde o seu primeiro contacto com o mundo reveste ideias diferentes e diversas maneiras de ser. Para esse efeito, o primeiro ponto a focar, de pois da pediatria e dos cuidados a ter na primeira infância, é a instrução infantil, base de todo o ensino médio e superior, e primeiro degrau donde parte a orientação da vida individual.

Em *As escolas de Winnetka*, encontramos em contacto com as profundas modificações que o espírito prático e esclarecido de Carleton Washburne, encarregado pela comissão da instrução municipal da cidade de Winnetka de, em 1919, reformar e dirigir a instrução pública dentro de princípios racionais e modernos.

Com um grau de iniciativa arrojado, apoiado por uma intuição construtiva que não teme as ideias precon-

cebidas dos dirigentes oficiais, Washburne consegue transformar a ideia clássica do que é a escola numa concepção mais lógica, que relacione o aluno com os problemas da vida e lhe permita desenvolver a personalidade. Transcrevemos: "falta à sua missão a escola que não desenvolve no aluno toda a sua personalidade; a escola deve ser o lugar em que a criança mostra e firma a sua originalidade, a sua capacidade de criação e de emoção; a aula não deve ser nunca a máquina que, segundo a expressão vulgar, «quebra a vontade» dos alunos e faz deles os seres passivos, que são realmente cómodos, mas de que a sociedade não tira nenhum proveito; não tem nada que se criar o «obediência», tem que criar o «responsável», o responsável por si próprio, perante a sua escola, perante a sua cidade, o seu país, perante a humanidade inteira; e a verdadeira disciplina só pode nascer duma forte e bem desenvolvida personalidade que tenha ao mesmo tempo a ideia de que está sendo útil no mundo e que dela o mundo espera algum trabalho»

João Tendeiro

## NÃO SERÁ ASSIM?

Há dois ou três anos — não me recorde bem — recebi da Direcção da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, em Lisboa, uma carta em termos, simultaneamente amáveis e honrosos para mim.

Simplemente por ser natural do Chavêlho, e não por quaisquer outros títulos de que sou órfão, erame pedida, nela, a minha opinião sobre uma petição dirigida à referida Casa para que patrocinasse, junto da autoridade competente, a conversão do nome Chavêlho, julgado ofensivo para os habitantes deste lugar, no de Val de Figueiró.

Não fiquei com cópia da minha resposta e, por isso, não posso transcrever aqui os termos taxativos em que a dei.

Mas isso pouco interessa, dando-se conta do sentido que me parece ter sido como a seguir se verá.

Não concordava com a mudança do nome por duas razões que tenho como igualmente pesadas e fortes:

1.ª A palavra Chavêlho nada tem de insultuosa se for pronunciada com a devida acentuação e não houver, no caso de não se lo, intenção reservada e malévola a empocalhar o espírito da pessoa emissora.

E' mesmo devido à protecção duma senhora chamada *Educação*, que outras povoações — Picha e Racha no concelho de Pedrógão Grande, Canácona, na Índia Portuguesa, Vaie da Porca, etc. não solicitaram o crisma (no sentido profano) e algumas palavras — cágado, Chicago, decágono, etc. não foram exiladas, por indesejáveis, do pátrio lar — o Vocabulário.

2.ª Os nomes que designam as diferentes localidades não são filhos da fantasia ou de cérebros febricitantes. São o efeito duma causa, a síntese duma história. Substituí-los é forçar a Natureza, pretender dar à convenção robustez e duração que são apanágio do facto. Um exemplo concreto ilumina melhor o meu pensamento: o Terreiro do Paço, em Lisboa, continua sendo o Terreiro do Paço, não obstante a deliberação camarária que o converteu em Praça do Comércio.

E' que a rebeldia do homem contra a mãe Natureza redundava, quasi sempre, numa derrota para aquêle.

Vem a talho de foice e talvez não seja destituída dalgum interesse narrar aqui a história que, segundo a tradição, deu origem ao nome da aldeia onde, em 4 de Maio de 1894, tomei, pela primeira vez, nos ombros, a cruz que cá vou arrastando, conforme as minhas forças na lajeira do meu calvário.

Em época recuada e envolta nas brumas do *Tempo* teve um padre sua residência no lugar do Chavêlho. Ainda existe a casa que, a dar crédito à tradição foi sua pertença. Todas as tardes depois do almoço, o bom do reverendo dava um passeio até à vila para cavaquear algumas horas com os seus amigos. Quando se aproximava o momento de regressar a casa, tinha sempre a delicadeza de convidar os seus amigos a tomarem uma chávena de chá do véelho, que o mesmo era dizer do seu chá.

E, assim, de *chá do véelho* se formou, por simplicidade e contracção, o nome da minha aldeia — Chavêlho.

Ora se esta palavra Chavêlho teve, por alicerce, uma base assim tão sólida, seria tarefa fácil e de bom governo substituí-la por outra que assentasse na areia da ficção ou nas nuvens da convenção?

Não resistiria ao sópro da mais leve aragem do bom-senso e da tradição.

Parece que estou ouvindo os meus leitores (e alguns tiver) a perguntar-me a razão deste arrazoado. E como não é minha intenção demorar a te-posta, aqui a deixo:

Há dias notei que, junto dum marco quilométrico, onde está gravada a palavra Chavêlho, alguém externamente bem equipadogravata, calçado nos dois pés... — abriu os lábios num riso onde transpareceu, bem carregado, o amarelo da mofa.

Acto contínuo, e como se fôra uma coluna blindada «Panzer», assalta-me o espírito a ideia de que o problema da educação não tem menos acuidade do que qualquer dos outros que nos assoberbam.

Não será assim?... Chavêlho, Setembro de 1942.

José Rodrigues Dias

## Lira

de Tomaz António Gonzaga

*Um dia que o gado no prado guardava, Amor me aparece com arco e aljava*

*No tronco mais verde, que no prado houvesse Amor me mandou seu nome escrevesse*

*Contente parti um tronco buscar, para nele as ordens pronto executar.*

*No tronco dum freixo que viçoso vi, quis gravar «Amor», «Marília» escrevi*

*Tanto que amor vê o engano feliz, o nome beijando alegre me diz:*

*— Não temas, Dirceu, não mudes de côr; nesse doce nome escreveste Amor.*

Sobre esta lira, extraída de *Marília de Dirceu*, o grande poeta Manuel Bandeira, um dos primeiros do Brasil de hoje, escreveu o seguinte haikai (1):

HAIKAI

Tradido de uma lira de Gonzaga

*Quis gravar «Amor» No tronco de um velho freixo: «Marília», escrevi.*

1) Pequeno poema de origem japonesa, de três versos.

## Política de outrora

Fixámos residência nesta vila há cerca de vinte e dois anos. Já lá vai longo. E é mau porque é sinal de que vamos estando velhos.

Nesta altura vivia-se, sob o ponto de vista político, numa atmosfera calma.

Os grupos políticos locais, cansados e esgotados de tanto lutarem, acabaram por fazer uma aproximação, entrando numa fase de conciliações, embora aparente. Todavia, entendiam-se relativamente bem.

As câmaras elegiam-se de acordo, os lugares a preencher, igualmente. Foi nesta fase, que entramos e iniciámos a nossa vida profissional. Animados de boa vontade de alguma coisa fazer e embora a nossa profissão nos absorvesse todo o tempo, nas horas à cavaqueira lastimávamos o estado verdadeiramente degradante em que o nosso concelho vivia.

Sob este ponto de vista, éramos um autêntico revolucionário.

E' que, quem, como nós então palmilhasse o concelho dum extremo ao outro, conhecendo, portanto, o estado atrasadíssimo em que vivíamos, não se podia conformar, que se vivesse num estado de apatia, que nem sequer conservasse o que os nossos antepassados nos legaram.

Por tôla a parte, só víamos ruínas. Daí a nossa revolta, a barafustar constantemente contra a forma de administração, que afinal, não era administração.

Havia apenas a preocupação do mando e mais nada.

Um dia um influente político local, ouviu a nossa conversa, a nossa revolta.

De lado diz-nos êle:—Oh amigo, você está enganado.

O povo só agradece o favor pessoal, tudo que se faça em benefício comum esquece, desparece. O que fica, é o favor pessoal!

Ouvimos com atenção, fixámos este conceito muito bem e hoje, volvidos uns vinte anos, recordamos como era errada a concepção à-cêrca da política, à-cêrca da administração local, amarrados a esta falsa ideia.

Assim vivemos durante muitos

## HIGIENE INDUSTRIAL

O TRABALHO NAS MINAS

As causas da insalubridade do trabalho nas minas são de várias categorias. Entre elas citaremos: a falta de luz natural, a humidade, a atmosfera viciada, a temperatura elevada, o perigo de explosões, as derrocadas, as instalações eléctricas deficientes, o perigo de atropelamentos devido à circulação de vagonetas e a produção de poeiras e gases irrespiráveis.

A falta de luz natural conduz a diversos males, principalmente anemias e tuberculoses pulmonares.

A humidade todos sabem os efeitos que produz, favorecendo o reumatismo, por exemplo.

A viciação da atmosfera pode ser provocada por gases (irritantes, mefíticos, ou emanações orgânicas) ou por poeiras. Entre os gases mefíticos citaremos o anidrido carbónico, o óxido de carbono, o ácido sulfídrico e o metano — próprios de recintos com ventilação deficiente. As poeiras qualquer que seja a sua origem (vegetal, animal ou mineral) introduzem-se no organismo produzindo irritações ou doenças diversas. As afecções provocadas pelas poeiras tomam o nome de conioses. A introdução das poeiras pode fazer-se pelas vias respiratórias, por via digestiva, ou ainda pela pele e mucosas. E assim recebem nomes diversos, respectivamente: pneumoconioses, antracose intestinal, dermatoconioses, oftalmoconioses, e rinoconioses. As pneumoconioses são perturbações pulmonares, as dermatoconioses, rinoconioses e oftalmococonioses, irritações de pele ou do tecido conjuntivo, a antracose intestinal uma perturbação de ordem digestiva. As poeiras são mais perigosas quando entram pelas vias respiratórias. O efeito das poeiras de sílica deve ser mencionado especialmente pela sua gravidade pois predispõe para a tuberculose.

Nas pneumoconioses as poeiras vão-se incrustando nos brônquios e, como o espaço oferecido à entrada do ar é menor o operário deixa de ter a resistência que tinha anteriormente. Há afecções desta categoria que tem nomes especiais: antracosis (poeiras de carvão mineral), silicose (de sílica), etc.

Vamos examinar detalhadamente a antracose pneumoconiose dos operários das minas de carvão. O perigo vem de as poeiras de antracite serem angulosas, visto que a sua acção química é neutra. O carvão de madeira, por exemplo, não predispõe para mal algum porque as suas partículas são arredondadas. Os sintomas desta doença são os seguintes: tosse, escarros negros, fadiga, perturbações respiratórias, etc. O doente move-se com dificuldade, adquire um tom plúmbeo, emagrece, o tronco curva-se-lhe acentuadamente, tem escarros de

sangue, e diarréja. A autópsia duma destas vítimas, mostra os brônquios endereçados e ngros incrustados de poeiras angulosas de carvão.

A diferença de temperatura dentro e fora da mina pode provocar também afecções diversas, que se torna desnecessário mencionar por serem do conhecimento de todos.

As explosões podem ser provenientes dos instrumentos auxiliares do trabalho (pólvora e dinamite) ou dos próprios gases existentes nas massas do minério. Está neste último caso e à frente de todos o grisú, que é uma mistura de metano, e de gases provenientes de decomposições orgânicas, com o oxigénio. O grisú produz-se, como é sabido nas minas de carvão e explode em contacto com a chama. A mistura perigosa é a que tem 7 a 10% de metano. As derrocadas são produzidas nas explosões, ou por deficiências ou por avarias no escoramento.

As instalações eléctricas deficientes podem, em certos casos como no do grisú, provocar explosões (por darem lugar a faiscas).

Das perigos de atropelamento pelas vagonetas e outros acidentes com o dos elevadores, é estéril falar porque qualquer pessoa os concebe.

Para terminar estas considerações falta-nos ainda falar duma doença profissional do trabalho das minas, denominada anquilostomíase, ou anemia dos mineiros. Esta afecção é provocada por vermes intestinais muito delgados denominados anquilóstomas que se alojam no intestino delgado e agem à maneira de sanguessugas sorvendo directamente o sangue e segregando uma toxina destruidora dos globulos vermelhos. Estes vermes tem o comprimento de 1 a 2 centímetros. Põem no intestino os seus ovos que são expulsos com os dejectos. Esses ovos dão lugar a larvas que por sua vez dão origem a ninfas.

Estas últimas, introduzidas no organismo, transformam-se novamente em vermes. São peculiares principalmente no seio das minas onde o meio lhes é favorável pelas condições de humidade e temperatura. A sua introdução pode fazer-se por via cutânea ou local, bastando para isso a falta de limpeza ou higiene, ou levar o mineiro os alimentos à boca com as mãos sujas; quando não há nas minas instalações próprias os mineiros tem de defecar nas galerias e como muitos andam descalços os anquilóstomas podem também penetrar pelos poros da pele dos pés.

A anquilostomíase conduz a uma anemia extrema, à caquexia e até à morte.

Veremos seguidamente os meios de que se pode lançar mão para remediar estes males.

André Valmar

anos e, se não fôsse a Revolução Nacional do 28 de Maio, Figueiró seria hoje o que era há vinte anos.

Ainda mais, se a Revolução não tivesse o bom senso de experimentar outra gente, estamos certos, que vivíamos senão igual, aproximadamente, àquela época.

Felizmente que tudo mudou. Mudaram as doutrinas, mudaram também os homens.

E não venham com a argumentação que os tempos são outros.

Efectivamente, são. Se não fôsse Salazar, a obra não se fazia, é certo.

Mas se nesta terra não houvesse alguém capaz de compreender o espírito da Revolução Nacional e enfrentar uma revolução local, em

todos os sectores que todos julgavam irrealisável, a obra não se fazia, também, é certo.

São duas verdades, quer queiram, quer não, indiscutíveis.

E quanto a nós, esta nossa argumentação, é tanto mais real quanto é certo que os antigos políticos partiam dum princípio errado: *a política resume-se no favor pessoal.*

Assentando como base política neste princípio, o que como todos sabem, era assim mesmo, os resultados não podiam deixar de ser iguais ao passado.

De resto já diversas experiências se fizeram, que custaram caro ao concelho, pois infelizmente os homens da política do passado não mudaram de rotina.